

UM MACUNAÍMA PARA CADA LEITOR

VALENÇA, Waldemar Pereira.
letrabrazil@ig.com.br

MATOS, Luís Manuel Estrela de.(orientador)
Graduado em Comunicação e Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade
Estadual do Rio de Janeiro – UERJ
estreladematos@terra.com.br

RESUMO

Este artigo tem por finalidade principalmente, com o auxílio dos estudos semióticos, apresentar leitores modelos semânticos e leitores modelos críticos que teceram comentários interpretativos sobre a obra literária *Macunaíma, o herói sem nenhum carácter* (1926) do autor Mário de Andrade (1893-1945). Três momentos foram, então, demarcados, são eles, a primeira fase (de 1927 a 1940) ; a segunda (de 1940 a 1950) e a última equivalente à segunda metade do século XX. O intuito foi o de diferenciar o leitor semântico ou ingênuo do leitor crítico ou semiótico e, assim, esclarecer, através do método semiótico, como se constitui – antagonicamente ou não – uma co-existência de leitores críticos, que em certos pontos, são tão díspares entre si.

Palavras chaves : Interpretação, Leitor, Literatura, Semântica, Semiótica.

Um Macunaíma para cada leitor

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas quanto à seriedade da pesquisadora Lucrecia D'aleccio Ferrara (1986), quando em sua obra *A Estratégia dos Signos*(1986), argumentou sobre as relações entre arte e 'linguagem'. A autora, estudiosa da Semiótica, indiretamente, frisa sobre as possíveis definições que a participação do leitor implica sempre frente a um texto literário.

Segundo a pesquisadora :

Assim como Machado de Assis havia, precursoramente , proposto uma classificação para o leitor, a Arte Moderna supõe a divisão do receptor em ingênuo e hábil. A antiga arte fora hábil em reproduzir um receptor ingênuo, passivo que procurava, no máximo, partilhar dos momentos de inspiração do artista como molécula residual do trabalho criativo em estado de pura contemplação e embriaguez. A arte moderna é produtora de um receptor hábil onde tudo solicita a sua percepção e está aberto à sua penetração , sua interferência é a única possibilidade de produção de sentido; sentido fugaz, relativo, mas válido porque produto de uma inteligência, de uma sensibilidade, de uma atividade relacional. (FERRARA, 1986, p.20)

Justamente, com tais palavras, manifesta-se o anseio de se propor uma determinada leitura, que não valha pela originalidade do tema, mas sim pelo rigor do método a ser utilizado, ou seja, a Semiótica. Então, para que se possa realizar uma leitura crítica de um texto literário, a priori, é mister ultrapassar as pragmáticas barreiras diante do processo de codificação-decodificação criadas pelo autor (modelo). Isso porque é justamente o próprio 'autor modelo' que condiciona a aparição, tanto de um 'leitor ingênuo' ou 'semiósico', quanto de um outro 'leitor crítico' ou 'semiótico', simultaneamente.

O 'autor modelo' escolhido para este trabalho de leitura semiótica é Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), criador, em seis dias, da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caracter* (1928). A partir dessa obra, há uma possibilidade de percorrer interpretações realizadas tanto por leitores modelos, quanto por leitores críticos.

Retomando a questão, um ‘leitor-modelo’ é aquele que realiza uma interpretação puramente semântica de um texto. Interpretar semanticamente um texto científico finda por se tornar mais viável do que agir do mesmo modo com um texto literário. É porque o texto literário implica sempre um efeito estético¹. Curioso é que, paradoxalmente, sempre quando esse leitor semântico atua sobre o texto literário, julga estar procedendo de modo crítico, de modo seletivo. Assim, acredita estar também ideologicamente compondo o que se pode entender por Crítica Literária.

PRIMEIRA PARTE (de 1927 a 1940)

Tristão de Athaíde, João Ribeiro e Joaquim Meneses protagonizaram essa tomada de posição ao tentarem interpretar a obra literária *Macunaíma*. Alceu Amoroso de Lima, crítico literário consagrado por introduzir o termo ‘Pré-modernismo’ para a literatura brasileira, mais conhecido como Tristão de Athaíde, trocou correspondências pessoais com o autor Mário de Andrade. Aquele dispunha, de antemão, de dois prefácios que o autor Mário de Andrade redigiu, mas não quis publicar.² No ano de 1928, em “O Jornal”, Athaíde (1928apudLOPEZ, 1978, p.336) afirma que “[...] Toda obra literária do sr. Mário de Andrade é mais talvez obra de crítico social que de artista.[...]”.

Se realmente *Macunaíma* fosse uma obra de crítico social, melhor seria interpretá-la semanticamente, por isso o impasse que há na citação acima. Impasse, pois não há como o leitor desprezar o efeito estético que emana dessa obra, em outras palavras, as peripécias

¹ “[...]Um texto pode ser interpretado tanto semântica como criticamente, mas apenas alguns textos (em geral os de função estética) prevêem ambos os tipos de interpretação. (...) Dizer, portanto, que todo texto prevê um leitor-modelo significa dizer que, em teoria, e em certos casos explicitamente, prevê dois: o leitor-modelo ingênuo (semântico) e o leitor-modelo crítico[...]” (ECO, 1999, p. 13)

² “[...]Pois bem, tanto no primeiro como no segundo prefácio, o autor afirma categoricamente que não teve em mente o intuito simbolista. O livro deve ser entendido como uma simples brincadeira.[...]”(LOPEZ, 1978,p.336)

literárias entre forma e conteúdo. Em alguns momentos, Tristão de Athaíde ao invés de interpretar criticamente a obra, apenas projeta sua própria ideologia dialético-cristã, supondo estar desvendando o complexo ideológico em *Macunaíma*. Ao concluir sua matéria de jornalismo cultural, o crítico proclama dialeticamente:

[...]O sr. Mário de Andrade é o homem menos romântico que possa haver. Nunca escreve por paixão. Prazer sim. Mas, sobretudo, por procura, por pesquisa para encontrar o Brasil. O Brasil-alma e o Brasil-corpo, mas não o Brasil-país. Penso que lhe falte singularmente o sentido de nacionalismo político. Mas tem agudamente o senso do nacionalismo orgânico e social, da busca ao caráter que nos distinguia na América e nos marque para sempre (1928apudLopez, 1978, p.336)

Primeiramente, os conceitos de “Brasil-alma” e “Brasil-corpo” incutem, em si mesmo, a manifestação de um pensamento dialético. Isso acontece normalmente, pois Athaíde, enquanto católico, permite essa projeção de um catolicismo dualista – céu e inferno / corpo e alma – comprometendo certamente a objetividade por parte de quem interpreta. Dificilmente encontrará a Crítica Literária brasileira e contemporânea respaldo para proclamar uma ausência de nacionalismo político em *Macunaíma*, assim como procedeu a análise do crítico brasileiro acima. Por exemplo, no momento em que o protagonista chega a São Paulo e discursa “MUITA SAÚVA E POUCA SAÚDE/ OS MALES DO BRASIL SÃO.” Dificilmente, a crítica brasileira rejeitaria essa noção política que há nos dísticos em hipérbatos, pois deles é que transcendem a sátira.

De acordo com o livro “Interpretação do Brasil”, coletânea de discursos realizados nos Estados Unidos por Gilberto Freire (1900-1987), em época de exílio, Freire (2001, p.286) acentua que “A sátira, traduzindo um interesse pelos problemas sociais e a revolta contra os abusos políticos, é uma primeira característica da literatura brasileira.” Embora esse pesquisador refira-se principalmente ao nosso poeta baiano Gregório de Matos, é válido salientar, uma ausência nos comentários de Athaíde de uma maior compreensão do efeito satírico em *Macunaíma* e, conseqüentemente, sua dimensão esteticamente política, social e

artística.³ Apesar disso, é certo que esse crítico de arte parece ter se redimido publicamente de algumas pejorativos críticas sobre essa obra aqui estudada.

Nos anos 30 e 40, outros críticos literários interpretaram esse livro de Mário de Andrade. Entre eles, a Edição Crítica de Macunaíma de Telê Porto Ancona Lopez (1978apudLOPEZ, 1978) expõe trechos de interpretações realizadas por intelectuais como Nestor Victor (1928apudLOPEZ,1978), João Ribeiro (1928apudLOPEZ,1978,), Jorge De Lima (1929apudLOPEZ, 1978,). , Ronald Carvalho (1931apudLOPEZ, 1978,), Joaquim Cardoso (1945apud,LOPEZ, 1978,).

Em um primeiro momento, à sombra de interpretações simplesmente semânticas de Athaíde (1928apudIBIDEM, 1978), a Crítica Literária Brasileira ainda não tinha produzido um registro de leituras sistemáticas sobre *Macunaíma*. Mesmo assim, em 08 de outubro de 1928, o estudioso Nestor Victor, em “O Globo”, jornal carioca, caracterizou a obra *Macunaíma* enquanto um episódio pertencente à estética de um possível ‘neo-indianismo’, resgatando assim todo tom pejorativo do vocábulo, ou, no mínimo, reduzindo às distâncias que há entre esse livro e a subcorrente da Antropofagia.(1928) :

Creio que vão ficar históricas essas páginas. Elas representam o início do neo-indianismo entre nós, como um livro pode representá-lo.(...)Antes de tudo, uma cousa Mário de Andrade consegue com esta obra : é tornar possível que se façam outra vez enredos em que os personagens sejam bugres. Realizou portanto o que os naturalistas tinham dado por possível. (...) Quase tudo é escrito como se fosse por um nosso caipira, e para isso, Mário de Andrade tem talento especial. Peculiaridades sintáticas, próprias do falar do nosso povo do mato, freqüentemente se apresentam. (...) Está vindo assim romanticamente, embora se pratique o romantismo às avessas, um neo-indianismo derrotista. (1928apudLOPEZ,1978, p. 343)

Ao escrever para um jornal, Victor (1928) abandonou constantemente a objetividade no ato de interpretar em detrimento da subjetividade. Em outras palavras, ao invés de refletir pesquisando ou pesquisar refletindo, concatenou-se à ideologia de Alceu Amoroso Lima, aplicando adjetivos ou expressões pictóricas, assim como ‘neo-indianismo derrotista’ ou

³ “[...] Não apenas a apropriação econômico-político-ideológica da arte pelas classes dominantes tende a nos impor a ilusão de que a arte tenha sempre, por princípio, nascidos par essas classes, como também, as leituras dirigistas, que essas classes fizeram e fazem da arte, obliteram para nós uma contradição básica no estatuto da arte: as obras do passado, enquanto herança a avaliar criticamente, são verdadeiras, apesar de seus limites econômico-político-ideológico.[...]” (SANTAELLA , 1995, p.19)

‘romantismo às avessas’, expressões que de tamanha subjetividade implicam caminho inverso ao ato objetivo de interpretar. É válido ressaltar que Victor nem sequer menciona o caráter de rapsódia que define a estética da obra *Macunaíma*. Pior se houve, nesta expressão ‘neo-indianismo derrotista’, uma implícita intenção de diminuir os espaços que há entre o submovimento “Antropofagia”, liderado por Oswald de Andrade, e *Macunaíma*. Embora haja o respaldo do tempo, o próprio Mário de Andrade alertou para o equívoco existente naquele que atribuir a rapsódia *Macunaíma*, escrita quase que por completo em dezembro de 1926, às linhas de produção do “Antropofagia (1928)”. Não obstante, tornou-se incontestável, tanto para Mário de Andrade, quanto para Crítica subsequente, as possíveis semelhanças que aproximam personagens como “João Miramar” e “Macunaíma”.⁴

Assim, também, no mesmo mês e no mesmo ano, exatamente no dia 31 de outubro de 1928, através do “Jornal do Brasil”, foi assinalada uma outra leitura do livro em debate. É uma leitura pertencente ao crítico literário sergipano, nascido em Laranjeiras, mas que viveu no Rio de Janeiro, João Ribeiro. Ele foi quem interpretou, assim como Victor e Athaide, emotivamente *Macunaíma*. Ribeiro (1928), autor de obras cientificamente nacionalista em sua obra *A Língua Nacional* (1922), muito subjetivamente julgou que :

[...] Mário de Andrade é capaz de uma asneira, mas uma asneira respeitável. E, nesse caso, uma asneira de talento.(...) Há muitos defeitos no livro de Mário de Andrade, a concupiscência de termos tupis verdadeiros e fictícios, de pura invenção, extra regionalismos discordantes, e absurdos inefáveis. (1928apudLOPEZ, 1978, p. 346)

João Ribeiro (1928), que deduziu haver ‘um bom sangue’ que o livro “Macunaíma” criaria no leitor (brasileiro), certamente estava apregoadado a ideologias tradicionais no disfarce de modernas, incapazes de conceber uma dimensão mais satisfatória para interpretações de textos literários modernistas. Assim foi que Ribeiro (1928) realizou uma interpretação semântica, quase que em sua totalidade, capaz apenas de depreender significados, num processo de codificação-decodificação. Essa interpretação semântica é inviável em meio a todo aparato estético-literário da obra de Mário de Andrade. É por ter essa interpretação utilizada pela crítica que, ambigualmente, o leitor revela-se ingênuo diante do que é crítico (ou

⁴ Andrade, Oswald. Memórias Sentimentais de João Miramar (1924). 16 edição. São Paulo: Globo, 2004. – (obras completas de Oswald de Andrade).

Crítica Literária). É lógico que, ainda na década de 30, críticos e também poetas como Ronald de Carvalho (1893-1935) e Jorge de Lima (1893-1953) modificaram o panorama interpretativo da obra literária em questão.

Como foi dito, o ‘autor-modelo’, em questão, o senhor Mário de Andrade, no momento em que escreve a obra literária *Macunaíma* (1926-1927-1928)⁵” projeta a aparição, no mínimo, de dois tipos de leitores. Primeiramente, um leitor mais ingênuo, incapaz de perceber o código secreto da obra – se é que há algum -, que é o leitor semântico. Este se comporta do mesmo modo de Athaíde, Victor e Ribeiro, apenas no exato momento em que aqueles se dispuseram a interpretar *Macunaíma* contemporaneamente a sua publicação. Outro tipo de leitor, seria aquele a rejeitar então essa dualidade instintiva, que enseja a função mecânica do estímulo-resposta, codificação-decodificação. Esse outro tipo de leitor, imerso na perspectiva estética através dos efeitos de paródias e de sátiras que emergem constantemente do livro, que não é um mero romance – e sim uma rapsódia⁶, é o leitor semiótico ou crítico.

Esse método está na Semiologia Italiana, especificamente em Umberto Eco, autor de obras respeitáveis, entre elas, *Obra Aberta* (1962). Eco (1990, p.15) propõe que um texto literário não possua apenas uma interpretação satisfatória, mas sim indefiníveis interpretações - uma mais satisfatória que outras -, sem, com isso, significar que o leitor tem autonomia suficiente para rejeitar um sentido literal enquanto ponto de partida para toda e qualquer interpretação.

⁵ A obra *Macunaíma* foi escrita por Mário de Andrade em uma chácara do tio dele no tempo de seis dias corridos no mês de dezembro de 1926, estava pronta quase completamente. Mário definiu como o quarto manuscrito, na verdade, um original do rascunho do rascunho do rascunho. Por quê ? Porque, em 1927, Mário de Andrade travou debates teóricos com amigos como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, além e Tristão de Athaíde, fazendo alguns cortes como o capítulo “AS NORMALISTAS”, porém evitando outros, permanecendo assim, a ilustre ‘Carta pras Icamiabas’. Em 1928, o livro é publicado, com 800 exemplares, financiados com recursos do próprio autor, mas sem nenhum “Prefácio”. Escreve dois prefácios, mas não publica nenhum para a obra. Tristão de Athaíde torna público o motivo de ocultar a publicação do prefácio: o primeiro explicaria pouco a obra, já o segundo, explica-la-ia demasiadamente.

⁶ Na edição de 1937, segundo LOPEZ (1978, p. 393) : “[...]Agora *Macunaíma* , acusada suas duas edições, é classificado como “rapsódia”. As obras em preparo repetem a relação da orelha acrescentando um Dicionário Musical Brasileiro [...]”

Em *Os Limites da Interpretação* (1990), o pesquisador italiano, Eco (1990, p. 11-12) argumenta sobre a interpretação semiótica ou crítica em detrimento da interpretação semântica (semiósica) ou ingênua, apresentando como dado em comum para as duas formas de interpretações possíveis, uma mesma matriz que é o ‘autor modelo’.

Ainda em 1929, no texto *Macunaíma: um raide do subconsciente nacional*, Jorge de Lima (1929apudLOPEZ 1978, p.349), criticamente, destrói a noção de símbolo que se tentou inculcar em toda e qualquer leitura de “Macunaíma”. De fato, o poeta e crítico literário Manuel Bandeira (1927apudLOPEZ, 1978, p.286) um dos primeiros críticos de *Macunaíma*, no ano de 1927, através de cartas pessoais, questionava alguns pontos estéticos da obra. Bandeira (1927apudLOPEZ, 1978, p.286), em de 07 de novembro de 1927, advertiu Mário de Andrade sobre um quê simbólico no personagem Macunaíma. Lima (1929apudLOPEZ, 1978, p.349), referindo-se ao anti-simbólico, acentua essa questão dizendo em tom de diálogo: “É isso mesmo, Mário. A brincadeira e o Brasil: o herói da brincadeira só pode ser o brasileiro. É verdade que nem o livro sintetiza o Brasil, nem o herói sintetiza o brasileiro.”

É polêmica a noção de síntese quanto à obra “Macunaíma”, recusada por Lima (1929). Em 1927, em carta à Manuel Bandeira, Mário confirma que o personagem Macunaíma – ou o livro – não é símbolo de coisa alguma, assim, explicitou essa opinião também nos dois prefácios. Provavelmente, como ressaltou o próprio Athaide (1928apudLOPEZ, 1978, p.337) “[...] tanto no primeiro como no segundo prefácio, o autor afirma categoricamente que não teve em mente o intuito simbolista. O livro deve ser entendido como uma simples brincadeira literária.[...]”

Consta-se assim que o leitor semântico pode, em determinado momento, efetivar sua interpretação em direção a uma crítica exata, objetiva. Do mesmo modo, o leitor semiótico ou crítico pode, em certo momento, assumir um papel de leitor semiósico ou semântico. Por exemplo, Lima (1929apudLOPEZ, 1978, p.349), leitor caracterizado neste estudo como leitor

crítico, assumindo uma subjetividade tão alheia ao ato de interpretação científica, comenta sobre as “Cartas pra Icamíabas – capítulo IX”, conceituando-a como “única paulificância do livro.” É justamente a “Carta Pras Icamíabas” , um dos episódios do livro mais exposto à galhofa. Até o próprio poeta Bandeira solicitara ao Mário a retirada do capítulo. Sabe-se, que uma das formas de demonstrar o aspecto da ironia atrelada a uma crítica (social, artística e cultural), em *Macunaíma* é , justamente, a intenção de parodiar contida nessa Carta. Exatamente, na “Carta pras Icamíabas”, Mário parodiou os cronistas do descobrimento, principalmente Pero Vaz de Caminha e os acadêmicos como Rui Barbosa e Coelho Neto, entre outros mais.

Ainda na década de 30, século XX, Ronald de Carvalho (1931apudLOPEZ, 1978, p.352), em *Estudos Brasileiros*, através de um texto intitulado como *Macunaíma, de Mário de Andrade*, assumiu a mesma situação reflexiva de um leitor semiótico ou crítico. Afirmando que “Macunaíma não tem limites, a não ser aqueles a que ele próprio se impõe, quando tangencia o mundo fenomenal [...]”, esse crítico proclama a autonomia da Crítica Literária Moderna, por ela ser capaz de engendrar a destruição dos “preconceitos” legados pelo posicionamento de alguns críticos literários ainda assolados pelos resquícios tradicionalistas no momento em que tentaram uma interpretação científica de obras de arte moderna tal qual *Macunaíma*. O mais provável, para a Crítica Literária do século XXI, é que, realmente, essa obra de Mario de Andrade não tenha limites : limites de interpretação. Não obstante, de acordo com o cientista italiano Umberto Eco, apresentar várias interpretações, não significa confirmar que todas essas interpretações serão satisfatórias. Para chegar a esse conceito, ele busca estabelecer uma leitura interpretativa dos *Papéis Coligidos (1934-1948)* de Charles Sanders Peirce. Assim, Eco (1990, p.182) recorre à noção tricotômica do signo ou símbolo que apresenta sempre três sujeitos: o objeto, seu referente e seu interpretante. Assim, ele consegue esclarecer a diferença entre semiose – um fenômeno – e a Semiótica, uma ciência:

[...] A semiose é um fenômeno, a semiótica é um discurso teórico sobre os fenômenos semióticos. Segundo Ch. S. Peirce (cp:5.824), a semiose é uma ação ou influência que é, ou implica, uma cooperação de três sujeitos, o signo, o seu objeto e seu interpretante, tal que essa influência tri-relativa de modo algum se pode resolver em ações entre pares. Já a Semiótica é a disciplina da natureza essencial e das variedades fundamentais de toda possível semiose . (ECO, 1999, p. 182) .

SEGUNDO MOMENTO (de 1940 a 1950)

Em fevereiro de 1942, através de “O Estado de São Paulo”, SÉRGIO MILLIET, em ‘Trechos de Diário’, emite conceitos sobre *Macunaíma*:

O livro de Mário de Andrade não é apenas uma grande obra e estranha obra: é uma fonte inexaurível de informações sobre língua e lendas brasileiras, psicologia e biologia, folclore e história nacionais, em que virão beber os literatos de amanhã. (1942apudLOPEZ, 1978, p.355)

Sérgio Milliet , um crítico que discursa contra a imposição esteticamente clássica da ‘Arte pela Arte’, interpreta a obra, sem dúvida, ultrapassando as fronteiras do campo semântico. Ele faz avultar a dimensão estética da obra sob uma perspectiva vanguardista ou de pioneirismo. Ao confirmar que em “Macunaíma” “virão beber os literatos de amanhã” , além de prenciar uma das virtudes ou vertentes estéticas que, *a posteriori*, surgirá na prosa regionalista de Graciliano Ramos (1892-1953)¹ e Guimarães Rosa (1908-1967), que é o domínio lingüístico, da língua abrasileirada e polifônica, Milliet (1942apudLOPEZ,1978, p.355) está – de fato – a resgatar o ponto de vista de que qualquer interpretação de *Macunaíma*, naquele momento, não poderá ainda assumir um ponto de vista único, infalível e soberano, pois ‘o amanhã’ enquanto fenômeno do devir, engendra novas e novas releituras interpretativas dessa ou de qualquer obra literária, a depender do seu potencial estético. Assim, muitos literatos, indiretamente, solicitarão outras interpretações de *Macunaíma*, dado

a existência de uma “estética genuinamente nativa”, repleta de lendas nacionais, que encontra raízes mais profundas que as herdadas de *José de Alencar* (1829-1877).⁷

O leitor crítico, ao folhear as páginas de *Macunaíma*, não é absolutamente o “dono da verdade”, ou seja, o único capaz de interpretar algo. Explanado sobre a existência do leitor semântico, e suas possíveis injustiças diante da não-percepção do efeito esteticamente literário, o leitor crítico auto se proclama vitorioso – eficaz – em sintonia com o texto literário. Por ingenuidade, o leitor crítico apresenta temeridade apenas diante de outro leitor crítico de ideologia antagônica. Mas, se podem existir duas interpretações antagônicas de um mesmo texto, feitas por pesquisadores, de prestígio, sobre um mesmo objeto de estudo, em nosso caso um texto literário, especificamente, por que só uma interpretação, ortodoxa, embora não literal exclusivamente, i.é., não semântica, seria a eleita como verdadeira? É certamente implausível que isso ocorra, sem dúvida. As próximas interpretações de *Macunaíma* a partir da década de 50, confirmam essa ausência de uma interpretação unívoca e autoritária tal qual a interpretação exclusivamente semântica para textos literários.

TERCEIRA PARTE (a segunda metade do século XX)

Na década de 50, outras interpretações críticas sobre *Macunaíma* adquiriam corpus, já que surgiam muitas vezes em formas de artigos científicos ou teses de mestrado e doutorado. De acordo com a crítica Noemi Jaffe (2001, p.40), no capítulo *A crítica e Macunaíma*, “Não há como começar um itinerário de estudo de *Macunaíma* sem partir do

⁷ Essa comparação entre *Macunaíma* e *Iracema* é inspirada no livro de Manuel Cavalcanti Proença, em seu *Roteiro de Macunaíma*, página 07, quando o pesquisador tenta definir qual o gênero da obra literária *Macunaíma*.

Roteiro de Macunaíma, de Manuel Cavalcanti Proença, publicado em 1950 [...]”⁸. Embora, seja apenas mais uma interpretação crítica, o que os estudos de Proença (1903-1966) corroboraram, o termo é exatamente esse, foi justamente a expressividade estética de *Macunaíma*, resgatando toda a pesquisa folclórica e leitura de uma obra da etnologia alemã de Theodor Köch-Grünberg, “*Vom Roraima zum Orinoco*”. Anteriormente, Atháide (1928apudLOPEZ, 1978, p.333) já havia feito alusão às leituras de Mário de Andrade a respeito do livro de um pesquisador alemão, revelando a terminologia do termo “Macunaíma” (Macu – mal --- Íma – grande).

Muito certamente, contrariando as expectativas de Jaffe (2001, p.40), poderá surgir um crítico literário que, através de uma interpretação também contumaz e crítica, possa tornar enfadonha a obrigatoriedade de ler Proença (1950) para o iniciar no entendimento mais complexo da obra *Macunaíma*.

O ganhador do primeiro prêmio no concurso literário promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo em 1950, Manuel Cavalcanti Proença (1965), é quem destrincha os meandros vocabulares, as fontes de pesquisa de Mário que variavam entre Capistrano de Abreu e Sílvio Romero até anotações pessoais de viagens ou leituras em alemão, com foi ressaltado. Proença, em seu *Roteiro de Macunaíma* (1950) impõe à Crítica Literária, no que se refere a essa obra, um novo questionamento sobre quaisquer limites de interpretação à que se sujeita uma obra de arte literária e moderna. Ou seja, até que ponto a verdade – ou toda a verdade – revelou-se com as interpretações crítica até então existente e comentadas aqui nesta pesquisa ?

No texto *Macunaíma Pioneiro*, através da obra *Estudos Literários* (1965),

PROENÇA cogita que:

⁸ “[...] As obras, mesmo as revolucionárias, fazem parte de um tempo e dialogam com outros tempos e outras obras. Não é diferente com *Macunaíma*. É certo, por outro lado, que essa é uma obra única, tanto no modernismo como no conjunto de textos de Mário de Andrade e na própria história da literatura brasileira.” (JAFÉ, 2001, p.56). A autora confirma o ponto de vista de Sérgio Milliet quanto ao quesito “ser precursor de algo” :

Macunaíma é um livro que, sob aparência de autonomia de emoção e rebeldia de forma, aguarda, apenas, uma segunda leitura compreensiva, para liberar o que nele se inclui de disciplina intelectual, dirigindo e configurando uma “sententia”, que é o verdadeiro sentido de crença no futuro do Brasil.[...]” (1965apudLOPEZ, 1978, p. 360)

É justamente essa amplitude de interpretação, especificamente sobre *Macunaíma*, em forma de amplificação do horizonte crítico, que possibilita o aparecimento de outros textos sobre o mesmo assunto. Na mesma época, Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) confirma a sensatez das palavras de Proença (1965apudLOPEZ, 1978), indiretamente, no texto *Mário esclarece Macunaíma*, através do “Jornal das Letras”, quando afirma que:

A crítica, desorientada talvez pela preocupação que tinha Mário, de reivindicar para sua obra uma utilidade social, chegou a ver nesse livro a presença de um sociólogo, ao invés de enxergar “a mais artística de suas obras”, como o próprio Mário considerou na carta que citei. (1965apudLOPEZ, 1978, p. 358)

Para quem se interessa de fato pelas interpretações sobre *Macunaíma*, terá um material básico de consulta intitulado como “Bibliografia Comentada”, na edição de 1988 da “*Edição Crítica de Tele Porto Ancona Lopez*”, organizada em 1978 e reorganizada em 1988. Na verdade, são comentários feitos por Diléa Zanotto Manfio (1988apudLOPEZ, 1988, p.195-205) a respeito de algumas obras que tentaram interpretar , analisando, o livro *Macunaíma*.

Após a publicação do “Roteiro de *Macunaíma*”, muitos estudos críticos surgiram no cenário nacional, entre eles, encontram-se nomes de intelectuais importantes, por exemplo: Mário Chamie, autor do *Intertexto: escrita rapsódica* (1970), ou também Haroldo de Campos, autor de *Morfologia do Macunaíma* (1973), ou a pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez, autora de *Macunaíma: a margem e o texto* (1974), ou Suzana Camargo, autora de *Macunaíma: ruptura e tradição* (1977), ou Heloísa Buarque de Holanda, autora de *Macunaíma: da literatura ao cinema* (1978), ou também Gilda de Mello e Souza, autora de *O tupi e o alaúde* (1979). Outros mais surgiram, não obstante, desnorteante seria fazer uma alusão a todos.

Ressurge, então, novos confrontos entre interpretações críticas díspares. O leitor crítico é combatido por outro leitor crítico. Isso já foi explanado no último parágrafo do segundo momento. Agora será demonstrado.

Um ponto crucial desta pesquisa é a descoberta do leitor apropriado para a obra *Macunaíma* (1928). O que se admite é, no mínimo, uma série de leitores possíveis e, de acordo com a perspectiva, até mesmo antagônicos em certos pontos ideológicos. Isso não diminui a importância ou validade científica do leitor crítico, mas expõe sua vulnerabilidade. Por exemplo, dois livros valiosíssimos da Crítica Literária Brasileira são o livro *Morfologia do Macunaíma* (1973), de Haroldo de Campos, e o livro *O tupi e o alaúde* de Gilda de Mello e Souza. No entanto, Souza (1979 apud JAFFE, 2001, p.44) tece uma notificação crítica contra o ponto de vista de Haroldo de Campos.

Campos (1972) apresentou, em três sub-capítulos, um método de análise para a interpretação de *Macunaíma*; indicou e comentou os elementos sugeridos por Vladimir Propp (1928)⁹ para a análise da narrativa fabular; e, por fim, discutiu três possíveis códigos presentes em *Macunaíma*: astronômico, lapidar e literário. Segundo Campos (1973, p.266-275), havia dois protagonistas no livro que eram “Macunaíma e a própria narrativa”. Os dois são protagonistas *in progress*¹⁰ e, segundo Jaffe (2001, p.42), “[...] o que Haroldo “desorganização anárquica do herói” – e, poderíamos acrescentar também da narrativa – é para ele um traço mais afirmativo que pejorativo.[...]” . Noemi Jaffe (2001), mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, frisa bem esse conflito, entre a visão ideológica de Campos (1973) e a de Souza (1979), discutindo sobre antagonismos em *Macunaíma*, conclui que :

⁹ Haroldo de Campos chegou à conclusão de que, no mesmo ano, 1928, em que foi publicada a obra *Macunaíma*, de caráter literário, também foi publicada, pelo estudioso de Leningrado, a obra *Morfologia do Conto Maravilhoso, de caráter científico, mas segundo o pesquisador brasileiro, são obras afins.*

¹⁰ Esse termo foi cunhado primeiramente por T.S Eliot, através da expressão “Work in progress”, o que concerne a idéia de infinidade no que se refere à gênese de uma obra-prima.

Nesse ponto nevrálgico, separam-se Haroldo de Campos e Gilda de Mello e Souza – a visão morfológica de Haroldo, que vê na própria narrativa uma vitória e na morte do herói um augúrio, e a visão crítica de Gilda.[...] (JAFFE, 2001, p. 42)

Souza (1979), na verdade, estava a criticar a visão unívoca, projetada em uma obra de componentes ambíguos e ambivalentes, que Campos (1973) assumira, segundo a crítica, para “fazer caber à força no modelo (modelo de construção fabular estruturado por Vladimir Propp, em 1928, no mesmo ano em que foi publicado *Macunaíma*). Todavia, o que se explicita, a cada momento, é a vulnerabilidade ao se determinar qualquer conceito do que seja exatamente um ‘leitor crítico’.

CONCLUSÃO

O que é mais provável, atualmente, é que nenhum leitor pode estabelecer limites para interpretação da obra *Macunaíma*, a não ser enquanto forma de destruição dos próprios limites. Destaque, nesse aspecto, para as palavras da pesquisadora Maria Augusta Fonseca (1988apudLOPEZ, 1988, p.284), pois, ao concluir que “a língua é o ponto nevrálgico”, na obra, corroborado, principalmente, na ‘Carta pras Icamiabas’, Fonseca (1988apudLOPEZ,1988, p. 292) corrobora a tese inicial, deste artigo, que é a tese de não haver limites seguros para a interpretação de *Macunaíma*. Se os leitores críticos desse livro precisam partir a princípio do sentido literal em direção ao encontro do código secreto, isso não lhes concede o direito de rejeitar a noção exata da ausência de limites para o ato de interpretar essa obra, por se tratar de uma arte moderna, da qual avulta um efeito estético.

A ser verdadeira a sugestão, o texto tem expandido seu desafio formal e suas possibilidades de leitura, como um embrião do texto artístico, gêneses de procedimentos da modernidade (linguagem sintética, poesia, som, ritmo, música, eco, onomatopéia, retórica, danças, “romances”), que Mário também resgata no pastiche da rapsódia. (1988apudLOPEZ, 1988, p.292)

A citação, acima, evidentemente constitui um motivo para argüirmos novamente: quais serão os limites para a interpretação de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928).

Não obstante, o limite de interpretação seja justamente a ausência de limites, o 'leitor crítico ou semiótico' ainda está submisso a depreender o sentido literal do texto, antes mesmo de tentar encontrar a multiplicidade de significados que são emitidos nas manifestações de arte moderna ? Diante do risco de um determinado leitor crítico sofismar sobre a ausência de limites interpretativos, reafirma-se, aqui, o preceito de que o sentido literal é sempre indispensável; portanto, que ele não sirva como uma camisa de força para o leitor que está diante de textos literários. Essa aceitação desse preceito, certamente, repercute num fato extremamente crucial, confirmado aqui. Em outras palavras, embora possam existir mais de uma interpretação de um texto literário, quando dele emana o efeito estético, entretanto, nem toda ou qualquer interpretação será satisfatória.

Algumas interpretações podem ainda ser mais satisfatória que outras, mais completas que outras, o que não quer dizer, obrigatoriamente, que uma esteja certa e a outra errada. De modo algum. Confirmou-se isso, nesta pesquisa, e se percebeu que a única probabilidade para se elaborar uma interpretação eficaz de um texto literário é não se aprisionar o leitor ao sentido literal do texto, apenas, utilizá-lo como ponto de partida de um projeto maior de interpretação. Essa interpretação tende a ser caracterizada pelo efeito estético e pela polissemia que emana de grandes livros literariamente modernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Unesco, Coleção Arquivos, 1978. Edição Crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. 437p.
- _____, Paris: Association Archives de la Littérature latino americaine, des Caraïbes et africaine du XX^e siècle; Brasília, DF: CNPq, 1988. (coleção arquivos, vol. 06). 480p.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 36^a edição. São Paulo: Cultrix, 1999. 528p.
- ECO, Umberto. Os Limites da Interpretação. [*I Limiti dell' Interpretazione*, 1990] Tradução de Pérola de Carvalho et alli. 1^a edição. São Paulo: Perspectiva, 1999. 315p.
- FERRARA, Lucrecia D'alessio. A Estratégia dos Signos. 1^a edição. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FONSECA, Maria Augusta. Exílio ou Paraíso: a carta de Macunaíma. Revista Arca – Revista Literária Anual. Org. Walter Carlos Costa. 1^a edição comemorativa a Mário de Andrade. Porto Alegre: Paraula, 1993. Primeiro número. p. 31-38.
- JOHNSON, Randal. Literatura e cinema – Macunaíma: do modernismo ao cinema novo. Tradução de Aparecida de Godoy Johnson. – São Paulo: T.A. Queiroz, 1982. (Biblioteca de letras e ciências humanas; ser 1.: Estudos Brasileiros. Vol.3). 193p.
- JAFFE, Noemi. Macunaíma. 1^a edição. São Paulo: Publifolha, 2001. – (Série Folha Explica). 75p.
- MOISÉS, Massaud. A Criação Literária: introdução à problemática da literatura. 1^a edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967. 332p.
- PROENÇA, M. Cavalcanti (1905-1966). Roteiro de Macunaíma. . 4^a edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; INL, 1977.
- SALOMÃO, Sônia. Tradição e Invenção: A Semiótica Literária Italiana. 1^a edição. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. (Arte) & (cultura): equívocos do elitismo. 3^a edição. São Paulo: Cortez, 1995. (Biblioteca da Educação. Série 7. arte, cultura; V.1)
- SCHÜLER, Donaldo. Teoria do Romance. 1^a edição. 2^a impressão. São Paulo: Ática, 2000.